

Ao promover, desde 2000, um conjunto de prémios dedicados às arte visuais, a EDP não poderia deixar de dedicar um desses galardões à exaltação dos novos valores da criação artística nacional. Sem confundir a novidade e a originalidade das propostas com a idade dos artistas, o estatuto do «Prémio EDP Novos Artistas» refere como condição de nomeação não um limite etário mas um dado curricular: a realização da primeira exposição individual há menos de dez anos.

O júri de nomeação da primeira edição do «Prémio EDP Novos Artistas», referido ao ano de 2000, decidiu escolher Joana Vasconcelos como merecedora da distinção. No ano que mediou entre a referida atribuição e a exposição, que os estatutos prevêm, Joana Vasconcelos provou absolutamente merecer o prémio que lhe foi atribuído. A energia criativa que então lhe foi reconhecida não mais parou de alargar os circuitos da sua afirmação e influência, nacional e internacional. A presente exposição recolhe algumas das peças mais recentes e significativas deste processo: umas são desconhecidas em Portugal, outras foram vistas em circuitos relativamente restritos, outras são de todo inéditas.

Apraz-nos pensar que parte dos êxitos obtidos pela artista neste último ano de intenso e profícuo trabalho possa ter derivado do estímulo fornecido pela atribuição do «Prémio EDP Novos Artistas», e estamos certos de que as peças recolhidas na exposição ou documentadas no catálogo provam a justeza da escolha realizada em 2000.

Júri de nomeação

Alexandre Melo

João Fernandes

João Pinharanda

José Borges da Fonseca

Leonor Nazaré

Invenção e reinvenção de alguns ditos populares para uso frequente

O trabalho plástico de Joana Vasconcelos está para a arte como a produção industrial para a arte popular. O trabalho de Joana Vasconcelos está para a produção industrial como a arte está para a arte popular. A artista massifica as imagens, multiplicando os stocks de elementos através dos quais compõe as suas obras.

Joana Vasconcelos recusa duas vezes a originalidade — e uma dupla negação é, como se sabe, uma afirmação. Primeiro, usa produtos pré-fabricados e abusa da sua repetição numérica. Depois, abusando das formas desses produtos pré-fabricados, converte-os em imagens absolutamente

diversas reproduzindo formas de objectos pré-existentes. Estamos perante um puzzle ou perante uma charada archimboldiana? Em qualquer dos casos trata-se de um jogo sem regras, situado para além do lúdico infantil ou já mesmo para além do próprio maneirismo. A imagem final nunca está pré-determinada pelas peças que a compõem, nem o contrário. O que há é compatibilização e oportunismos formais e visuais.

Cada peça (obra de arte) se compõe de uma infinidade de outras peças (objectos de produção industrial) que são desviados da sua funcionalidade para comporem uma imagem final diversa que à partida não se adivinha. O trabalho é realizado por acumulação (de formas)-requalificação (de sentidos). Uma lógica de adição que actua como lógica de transformação. «A quantidade transforma-se em qualidade» no raciocínio dialéctico que pretende precisamente perceber o funcionamento da sociedade industrial.

Cada peça da engrenagem final se transforma num átomo (de cor-forma-movimento) necessitando de uma visão distanciada para ser percebido no conjunto de outros átomos que dão sentido à forma-significante final. Caminhamos sempre no campo das experiências visuais objectivadoras da sociedade contemporânea: da experiência impressionista e pontilhista à experiência dos pontos tipográficos dos jornais aos pixel dos ecrãs dos computadores. Estamos fora de qualquer das propostas de associação transformista e metamorfoseante do surrealismo.

Algumas coisas essenciais separam também o trabalho de Joana Vasconcelos da tradição Pop e Nouveau Réaliste a que no entanto se liga. No primeiro caso, verifica-se a aceitação de uma atitude de bricolage minuciosa com os materiais — em vez de uma imposição directa dos materiais; ou a aceitação de um gosto não claramente urbano, a integração do kitsch das periferias urbanas de fundo evidentemente rural e não dominadas pela cultura popular e consumismo anglo-saxónicos. No segundo caso, assistimos a uma clara rejeição dos desperdícios e dos objectos-lixo como matéria-prima e a preferência quase absoluta pelo brilho, pela perfeição de realização, pelo material novo — tudo vem da fábrica ou armazém de revenda directamente para a artista.

Assumindo a euforia que, de um modo simples, podemos associar à Pop, Joana Vasconcelos assume também o lado crítico que, de modo igualmente simplificado, podemos atribuir ao «Nouveau Réalisme». Não existe nela frieza ou ausência de sujeito que a Pop sugere; do mesmo modo não existe a reavalição poética do quotidiano que o «Nouveau Réalisme» desenvolve.

Poderíamos pensar simplesmente em arte industrial e decoração, em design e joalharia — se estas peças fossem produzidas, de facto, industrialmente e não como bricolage do industrial, se estas peças fossem bibelots decorativos do que agora se designa por «artesanato urbano» e não exigissem dimensão para a sua presença, se estas peças nos garantissem um destino utilitário e

não se recusassem ao uso quotidiano, se estas peças fossem usáveis e não excedessem o corpo.

Assim, teremos que situar a questão nos níveis do linguístico e do visual: o que significa o quê? Em que grau cada peça do conjunto perde significado para emprestar significado à peça final? Qual o significado da peça final assim obtida? Ou seja, o que quer significar o objecto que nela se «imita»? O que quer significar ser constituída por um certo tipo de pequenas peças e não por outras?

Só para dar um exemplo concreto e recente: qual a diferença entre fazer um lustre a partir de tampões brancos ou um outro lustre a partir de brincos de sevilhana em plástico colorido e fitas de veludo negro? Em ambos há uma imagem de luz — branca e cristalina, no primeiro, negra e sensual no segundo. Em ambos há uma imagem do feminino — esse é um traço constante na obra de Joana Vasconcelos que parte do feminino ou a ele conduz sem nunca ser feminista. Mas a primeira usa um acessório que remete do branco para o vermelho impuro, para o sangue e não para a luz, para o segredo e a dor (é um acessório íntimo e sexualmente determinado) e não para a festa ou a exposição palaciana. O segundo trabalho usa dois acessórios públicos femininos relacionáveis com o prazer, a alegria, a exibição. Cada uma das peças é o negativo da outra.

Do mesmo modo podemos-nos interrogar sobre o acrescento de significados que se obtém para cada peça e para o conjunto do trabalho de Joana Vasconcelos ao pensarmos o tipo de associação entre peças que a artista sugere neste catálogo — aquilo a que ela significativamente chama «medley», referindo uma estética de mistura ou remistura, de uniformização do diverso segundo um encadeamento melódico, de invenção do novo a partir de uma reassociação do já existente.

É nesse sentido que a este texto se acrescentam, como legendas dos pares de imagens propostas, um conjunto de novos ditos ou provérbios cuja lógica deriva do ritmo e conteúdo dos que os séculos foram criando como síntese da sabedoria popular. Tentam estas (re)invenções manter a acutilância crítica dos ditos tradicionais, repetir, por vezes, o modo como neles se associam de modo inesperado dois temas diversos. Num cruzamento de influências impuras entre o rural e o urbano, desejam estas mesmas (re)invenções aproximar-se de uma realidade sem concessões sentimentais, crítica, brilhante, fria, obscena, superficial, oportunista, eufórica, cínica, veloz.